



Versão p:

FO

CC

459 VI

Gonçalo Cadilhe num bottom-turn ao melhor estilo clássico.

A Surftotal entrevistou o escritor e surfista Gonçalo Cadilhe sobre o seu mais recente livro, “1 KM de Cada Vez.”

A Surftotal entrevistou o escritor e surfista Gonçalo Cadilhe sobre o seu mais recente livro, “1 KM de Cada Vez.” O local da Figueira da Foz, fala sobre a sua viagem em busca da 12 melhores direitas do mundo, surpreende ao admitir que não conhece as ondas portuguesas (além dos spots da Figueira da Foz e da Madeira) e revela pormenores sobre o seu novo projecto, um documentário televisivo chamado “Geografia das Amizades.” Pelo meio, lança ainda uma farpa ao actual ambiente que se vive nos line-ups nacionais e da atitude de alguns surfistas portugueses no estrangeiro.

Olá Gonçalo. Lançaste no final do ano passado o livro de crónicas de viagem “1 KM de Cada Vez”. Faz-nos uma breve apresentação do livro e quais foram os seus novos fundamentos que te inspiraram para o escreveres? Bom, aqui entre nós que ninguém nos ouve, tipo “segredo partilhado”, tudo partiu da minha entrada nos “enta”. Ou seja, no dia seguinte a fazer quarenta anos, arranquei para uma viagem de 12 meses cujo objectivo era surfar as minhas 12 ondas de sonho. 12 Point-breaks de direita, mais concretamente. Nos anos anteriores tinha organizado a minha vida para ter tempo e dinheiro para este ano sabático. Quando chegou a data da partida, tinha de facto tempo, mas não tinha dinheiro. Assim, tive que trabalhar. O meu trabalho é escrever crónicas de viagem. E pus-me a escrever crónicas de viagem para o Expresso ao longo dessa viagem. Foram esses textos que depois deram origem ao livro “1 Km de Cada Vez”. O título alude a essa quimera, esse paradoxo, que cada vez estou mais perto de alcançar: o de “viajar parado”. Dar tempo ao tempo, parar nos lugares, conhecer pouco mas conhecer bem.

Quais os países que visitaste para a escrita deste livro e de que forma organizaste o teu itinerário?

A lista é longa, porque não me limitei aos países onde se encontravam as minhas 12 ondas preferidas. Quer por razões de trabalho, até porque entretanto meti-me em mais um projecto para lá das crónicas do Expresso, ou seja, um documentário para a RTP2 sobre amigos que tenho espalhados pelo mundo, e assim para lá dos lugares óbvios, tipo Califórnia e Havai e África do Sul também fui parar ao Nepal e à Namíbia (que como toda a gente sabe não é famosa pelas direitas) e às Filipinas. Mas o itinerário inicial seguia a temporada das ondas que eu queria surfar. A

lista das 12 tem alguns secret spots, mas claro que tinha J-Bay, Rincon, Honolua, Nias e La Libertad.

De que forma o surf influencia a tua forma de escreveres?

Creio que não influenciou, ponto final. As minhas influências são bastante, digamos, literárias, e quando muito aproveitei o tema "surf" para experimentar novos estilos, assuntos pouco ortodoxos, perspectivas mais líricas (porque toda a minha relação com o surf é bastante lírica) enfim, creio que seria exactamente o que sou hoje a nível profissional se nunca tivesse escrito sobre surf. Mas seria mais tarde. O surf foi um laboratório útil, um catalisador, um convite a arriscar.

Uma vez que já surfaste algumas das melhores ondas do mundo, qual é a tua preferida e como comparas as mesmas em relação às ondas nacionais?

Não conheço as ondas nacionais. Não conheço Peniche, Ericeira, Alentejo, Lisboa, Minho. Nada disso. Para lá da Madeira, onde vou às vezes, nunca faço surf fora da Figueira, ou seja, fora dos points de Buarcos. Portanto, só posso comparar a Figueira com essas ondas que surfei. A Figueira não tem nem metade da consistência, e da espessura, e da velocidade duma onda top-class. Mas a Figueira é como a sopa da tua avó: fica-te no sangue desde bebé. O lugar onde sou mais feliz é nos points de Buarcos quando estão perfeitos. Mas é muito raro estarem perfeitos, porque o vento estraga muito e a areia está sempre a mudar, e a ondulação não pode ser nem muito grande nem muito pequena. Os dias bons em Buarcos são tão raros como diamantes...

A melhor direita do Mundo continua a ser...

Jeffreys's Bay, no meu conceito de "melhor". É a onda que melhor põe à prova a tua velocidade, a tua leitura, a tua inteligência intuitiva, a tua experiência e o teu "estilo", no sentido que para mim o estilo é o contrário de excesso. Quanto mais puro for o teu surf, melhor surfas J-Bay.

Como vês a evolução do surf em Portugal e em particular na Figueira?

Parece-me que estagnou completamente na fuçanguice e na falta de regras. Era compreensível que nos anos 80, quando eu comecei, ninguém respeitasse prioridades e tempos de espera, porque não sabíamos o que eram. Mas hoje, que sabemos todos como se deve comportar na água, continuamos numa fase troglodita do surf. O mais espertalhão, o mais mal-educado, o mais arrogante é o que faz mais ondas. Somos conhecidos a nível internacional (Maldivas, Mentawai, Marrocos) pelo mau-ambiente que trazemos para dentro de água. Chegam os portugueses, acaba a descontração e o civismo e começa a corrida das ratazanas...

A situação do SOS Cabedelo, tens acompanhado? Qual a tua opinião? O que pode ser feito para que a onda não desapareça?

Não participei e não tenho acompanhado. O Cabedelo anda a dar altas ondas, nas últimas semanas. Todo o alarmismo foi desnecessário, porque há que esperar pelo menos umas 3 temporadas antes de decretar a morte de uma onda. E parece-me óbvio que o Cabedelo não vai morrer. Vai ficar diferente.

Antes de iniciares a tua carreira como escritor, tinhas um emprego fixo na área do Marketing com aqueles horários das 9h às 18h. Fala-nos um pouco dos sentimentos que te levaram a mudar radicalmente a tua vida. Concordas que foi precisa muita coragem...

Acho que foi por causa do Outono. Quem tiver boa memória há-de recordar-se que o Outono/Inverno de 92-93 foi um dos melhores de sempre para o surf. Coincidiu com esse meu primeiro emprego fixo. Aliás, foram dois empregos em simultâneo: o primeiro e o último. (risos)

Pensas em algum dia da tua vida dizer algo como "já chega de viagens. Agora vou assentar a minha vida" ou achas que serás sempre um "eterno viajante"?

Não faço qualquer ideia do que será a minha vida no futuro. Como dizem os judeus, "Man Plans, God Laughs". Vou continuando seguindo ideias, intuições, oportunidades, por onde me parecer que é mais fluido e natural eu avançar. 1 Km de cada vez! (risos)

Quais são os teus próximos projectos? Já estás a escrever um novo livro?

Ando envolvido numa série de 10 documentários para a RTP2 sobre amigos meus espalhados pelo mundo: mostrar o que significa ser de "lá", viver num desses sítios onde todos nós sonhamos ir um dia passar umas férias. Está quase pronto (estamos na fase da edição e montagem), aliás estava a dizer atrás que só faço surf na Figueira mas estes últimos tempos estive a viver no Porto para trabalhar nos documentários e andei a fazer madrugadas por Matosinhos, antes de ir para os estúdios. O programa vai-se chamar "Geografia das Amizades" e entre outros destinos vou mostrar como vivem os meus amigos de Jeffrey's Bay, do Havai, de Raglan e da cabana flutuante das ilhas Mentawai...

Legenda do slideshow: Gonçalo Cadilhe em várias ondas.

1- Sri Lanka